

## OS HIPOCORÍSTICOS CRIoulos E O CONCEITO DE PALAVRA ÓTIMA

Hildo Honório do Couto  
Universidade de Brasília

### 1. Introdução

O objetivo deste artigo é fazer uma análise dos hipocorísticos sobretudo do crioulo guineense e do caboverdiano, salientando a possível relação que eles podem ter com o conceito de palavra ótima. Em seguida, tentarei mostrar que esse conceito pode ser útil na explicação da gênese das línguas, sobretudo das línguas crioulas. Alguns dados da hipocorística brasileira e de outras línguas também serão levados em consideração, além do vocabulário geral de outros crioulos.

Para a consecução desse objetivo, faz-se necessário discutir também o próprio conceito de palavra ótima bem como o de hipocorístico. No que segue teremos, na seção 2, uma tentativa de delimitação do que se entende por hipocorística. Na seção 3, discutirei a questão da palavra ótima. Na seção 4, farei uma análise da palavra ótima exemplificando com hipocorísticos do crioulo guineense e do caboverdiano. No caso da primeira língua, levarei em conta também uma amostra do vocabulário geral, com o objetivo de verificar até que ponto ele reflete as tendências detectadas nos hipocorísticos. Na seção 5 examinarei, ainda que de modo perfunctório, uma amostra do vocabulário geral de outros crioulos, cotejando as tendências neles encontradas com o que foi constatado no guineense e no caboverdiano. Na seção 6, discuto dados do português brasileiro e do francês canadense e do europeu que parecem pertinentes no presente contexto. Na seção 7, por fim, teremos as conclusões gerais.

Não apresento muitos exemplos no decorrer da discussão porque nos apêndices eles estão reproduzidos quase na íntegra.

### 2. Hipocorística

Por hipocorística entende-se o modo familiar, afetivo, de se designarem as pessoas. Em alguns casos, o nome hipocorístico é tirado do nome próprio da pessoa, freqüentemente (mas nem sempre) tomando-se-lhe a sílaba tônica e reduplicando-a. De acordo com Ilari (1984), os exemplos de (1) são hipocorísticos.

- (1) (i) Cacá < Carlos, Caco < Carlos, Dudu < Edu < Eduardo  
(ii) Isa < Isabel/Isabela, Bia < Beatriz, Jô < Joana  
(iii) Bela < Isabela, Nanda < Fernanda, Bel < Isabel  
(iv) Tota < Antônio, Juca < João, Joca < José, Noca < Nicanor

Ilari exclui da categoria dos hipocorísticos as formas de (2). Às de (2i) ele chama de “deformação afetiva de nomes”. Quanto às de (2ii), trata-se de diminutivos dos nomes

próprios. Tampouco considera ele como hipocorísticos apelidos arbitrários como “Pelé” (para Edson Arantes do Nascimento) bem como os apelidos em geral.

- (2) (i) Marocas < Maria, Claudeca < Cláudio  
(ii) Maroquinhas < Marocas, Carlinhos < Carlos

Formas como “Ciça” (de Cecília), “Ciço” (de Cícero) bem como “Tota” (de Antônio), “Lalau” (de Laura) e “Leleu” (de Eleusina) são hipocorísticas para esse autor. Em suma, para ele só são hipocorísticos os nomes familiares derivados, de modo pelo menos em parte regular, do nome próprio.

No presente ensaio, até mesmo os nomes excluídos por Ilari do rol dos hipocorísticos serão considerados como tais. Com isso, estarei seguindo a concepção original do vocábulo dada acima. Ela reflete não só a definição dos dicionários mas também a etimologia da palavra, ou seja, “hypokor(izesthai)”, que quer dizer brincar com a criança, chamar por nomes afetivos. Não é por acaso, portanto, que tanto o “baby talk” quanto a linguagem infantil se submetem aos mesmos princípios. Muito do que se chama de apelido também entra na categoria dos hipocorísticos (cf. Couto 1986/87).

### 3. Palavra ótima

O conceito de palavra ótima recua pelo menos até Roman Jakobson. De acordo com ele, a sílaba ótima é CV, “o único modelo silábico universal”. O exemplo de sílaba CV mais natural, ou seja, o que resulta da combinação da consoante ótima /p/ com a vogal ótima /a/, é /pa/ (Jakobson 1967: 132-133). Freqüentemente, em vez de /p/ seria melhor falar em consoante com fechamento máximo, que seria o som resultante do fechamento dos lábios, com o que se pode ter também um /m/, combinando com /a/, que é a vogal de abertura máxima. O fato é que o exemplo de sílaba CV menos marcado é /pa/ ou /ma/.

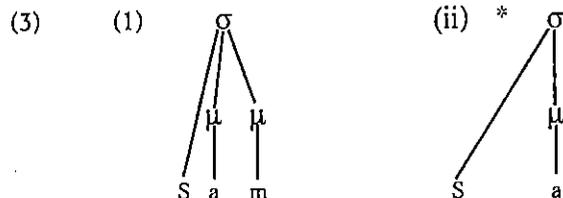
A conseqüência natural desses achados de Jakobson é que, do ponto de vista fonológico, a palavra ótima, menos marcada, é a que resulta da reduplicação da sílaba CV, ou seja, a que apresenta a configuração silábica CV-CV. O autor foi mais adiante. Se CV é a sílaba ótima, universal, menos marcada, e se sua realização ótima são as sílabas /pa/ e /ma/, a realização ótima da palavra, ou seja, a palavra ótima, menos marcada, é a que resulta da reduplicação dessas sílabas, ou seja, /mama/ e /papa/. Elas são as duas primeiras palavras da criança, em muitas línguas do mundo (Jakobson 1967: 79-81).

Os achados de Jakobson foram retomados pela teoria da morfologia prosódica, sob o nome de palavra mínima (minimal word), por John McCarthy e Alan Prince. De acordo com eles, “da hierarquia prosódica e da binariedade do pé, em conjunto, deriva-se o conceito de ‘palavra mínima’, ou seja, “minimal word” em inglês. Os autores continuam: “de acordo com a hierarquia prosódica, qualquer exemplo da categoria palavra prosódica deve conter pelo menos dois pés. Pela binariedade do pé, todo pé deve ser bimoraico ou dissilábico. Por transividade, portanto, a palavra prosódica deve conter pelo menos duas moras ou duas sílabas” (McCarthy & Prince 1993: 43-45). Nas línguas

sensíveis à quantidade, a palavra mínima deve conter pelo menos duas moras (ser bimoraica), ou seja, um par de duas sílabas leves ou uma única sílaba pesada. Nas não-sensíveis à quantidade, ela deve ser dissilábica. Em McCarthy & Prince (1995: 321-322), eles retomam a questão da morfologia prosódica, inserindo-a na teoria fonológica da otimidade (optimality theory)<sup>1</sup>.

Como se vê, McCarthy & Prince ampliaram o achado de Jakobson, mostrando que, na verdade, o que a palavra mínima (ótima) deve ter são dois momentos. Em alguns casos, os mais comuns, esses dois momentos são duas sílabas. Em outros, eles são duas moras. Entre as duas possibilidades, a menos marcada é a dissilábica.

Como mostrou Michael Kenstowicz, “em muitas línguas palavras de uma mora ou de uma sílaba são evitadas: impõe-se a exigência de um mínimo bimoraico/dissilábico. Por exemplo, sílabas CV com vogal relaxada, breve podem ocorrer no interior da palavra em inglês; no final de palavras, no entanto, elas estão sistematicamente ausentes, a não ser que a vogal seja baixa. Conseqüentemente, palavras CV monomoraicas estão ausentes do vocabulário lexical [...]. Toda palavra lexical deve conter pelo menos duas moras” (Kenstowicz 1994: 640). Por isso, o hipocorístico de “Samuel” é “Sam” (com duas moras), jamais “\*Sa” (com apenas uma mora), como se pode ver em (3i) e (3ii), respectivamente ( $\sigma$  = sílaba,  $\mu$  = mora). O aclave silábico não conta para o peso da sílaba, como já sabiam os estudiosos da metrificação.



#### 4. Palavra ótima no crioulo guineense e no caboverdiano

Os dados dessas duas línguas aqui examinados são muito desiguais. Os do guineense foram coletados por mim mesmo do uso cotidiano atual. Os do caboverdiano, ao contrário, são do final do século passado, e foram tirados de Coelho (1880), Brito (1887) e Costa & Duarte (1886). No entanto, creio que isso não seja uma desvantagem muito grande. Pelo contrário, pode ir na direção da tese de que os processos que se dão nos hipocorísticos são constantes, como salienta Coelho. Para o guineense, eu coletei 100 formas hipocorísticas, enquanto que para o caboverdiano o total geral é de 292 formas. As ilações tiradas dos dados em questão serão confrontadas com as tendências verificadas no vocabulário geral da língua, tomando-se por base uma amostragem de 862 palavras. Passemos às estatísticas e respectivos comentários.

No quadro abaixo, temos as estatísticas gerais. Na primeira coluna vêm-se os números relativos aos hipocorísticos guineenses, na segunda os do caboverdiano. Na

terceira, por fim, tem-se a estatística da amostragem do vocabulário guineense geral. Infelizmente, não temos o mesmo para o caboverdiano. É bem provável que os padrões silábicos e prosódicos desse vocabulário discrepem um pouco não só dos do guineense mas até mesmo dos dos hipocorísticos caboverdianos. Como se sabe, atualmente o caboverdiano contém estruturas silábicas bastante complexas.

| Hipocorísticos guineenses |               | Vocabulário geral (amostragem) |              |
|---------------------------|---------------|--------------------------------|--------------|
|                           | caboverdianos |                                |              |
| Dissílabos 60 (60%)       | 195 (66,78%)  | Dissílabos                     | 489 (56,72%) |
| Trissílabos 20 (20%)      | 74 (25,34%)   | Trissílabos                    | 206 (23,89%) |
| Monossílabos 9 (9%)       | 15 (5,13%)    | Monossílabos                   | 111 (12,87%) |
| Tetrassílabos 8 (8%)      | 6 (2,05%)     | Tetrassílabos                  | 43 (4,98%)   |
| Pentassílabos 3 (3%)      | 2 (0,68%)     | Pentassílabos                  | 9 (1,04%)    |
|                           |               | Hexassílabos                   | 4 (0,46%)    |

Quadro 1

Como se pode ver no Quadro 1, os hipocorísticos dissilábicos dominam arrasadoramente nas duas línguas. No guineense são três vezes o número de trissílabos que, por seu turno, são mais do dobro do terceiro colocado, os monossílabos. A diferença entre o número de ocorrência de monossílabos e a de tetrassílabos é estatisticamente irrelevante, apenas 1%. Os pentassílabos, que mal chegam a 3% do total, são também insignificantes do ponto de vista estatístico. Eles ocorrem sobretudo nos hipocorísticos chamados “nomi di torosa” (nome de troça), tais como “Rapa-Garandi” (lit. “rapaz grande”). Como se vê, em geral são expressões sintáticas e/ou nomes descritivos e transparentes, portanto, é compreensível que desviem do padrão prosódico normal. Dada sua baixa ocorrência, podem ser ignorados na presente análise. Mais importante do que isso é o fato de que as estatísticas do vocabulário geral da língua reproduzem quase na íntegra as tendências vigentes nos hipocorísticos. É interessante notar que vocábulos de seis sílabas só ocorrem no vocabulário geral, mesmo assim perfazendo apenas 0,46% do total.

No caboverdiano a mesma tendência geral se observa, embora a distância entre a percentagem de dissílabos e de trissílabos seja um pouco menor do que a que existe no guineense. A distância entre os trissílabos e os monossílabos é maior: os primeiros são cinco vezes mais numerosos do que os últimos. O importante é que a tendência geral é a mesma nos hipocorísticos das duas línguas. Essa tendência é corroborada pela amostragem do vocabulário geral do guineense.

Analisemos especificamente os hipocorísticos dissilábicos, cuja distribuição estatística está exposta no Quadro 2<sup>2</sup>. O “etc” aponta para o fato de que os padrões restantes só ocorreram uma vez cada, portanto, são irrelevantes. Como no Quadro 1 e nos subseqüentes, na primeira coluna vêm os hipocorísticos guineenses, na segunda os do caboverdiano e, na terceira, a amostragem do vocabulário geral guineense.

| Hipocorísticos     |               | Vocabulário guineense geral<br>(amostragem) |          |
|--------------------|---------------|---|----------|
| guineenses         | caboverdianos |   |          |
| CV.CV 34 (56,66%)  | 144 (73,84%)  | CV.CV 161                                   | (32,92%) |
| CVC.CV 7 (11,66%)  | 11 (5,64%)    | CVC.CV 108                                  | (22,08%) |
| CVC.CVC 7 (11,66%) | 9 (4,61%)     | CV.CVC 66                                   | (13,49%) |
| CV.CVC 5 (8,33)    | 11 (5,64%)    | CVC.CVC 32                                  | (6,54%)  |
| V.CV 2 (3,33)      | 1 (0,51%)     | V.CV 14                                     | (2,86%)  |
| CV.CVV             | 4 (2,05%)     | V.CVV 12                                    | (2,45%)  |
| CVV.CV             | 3 (1,53%)     | CV.CVV 11                                   | (2,24%)  |
| CV.VC              | 3 (1,53%)     | CCV.CV 11                                   | (2,24%)  |
| etc.               |               | etc.  |          |

Quadro 2

O número de formas dissilábicas com o padrão prosódico CV.CV perfaz mais da metade do total, ou seja, 56% no guineense e 73,84% no caboverdiano. Em seguida, vêm os padrões em que a primeira e/ou a segunda sílaba é/são mais complexa/s do que CV. Como o número total é relativamente pequeno, não se pode tirar conclusões definitivas com base nelas. No entanto, o mais importante é o fato de as tendências se manterem nas duas línguas, com pequenas variações. Quanto à amostragem do vocabulário geral guineense, também corrobora a tendência verificada nos hipocorísticos, sobretudo os do caboverdiano, que são mais numerosos. No entanto, aí a distância entre o primeiro e o segundo lugares é menor.

Uma outra constatação interessante é a de que, se a complexificação do padrão silábico é inevitável, que seja apenas em uma das sílabas, de preferência na primeira. Sílaba complexa na segunda posição constitui um padrão prosódico mais marcado. Se ambas forem complexas, o vocábulo é mais marcado ainda. Não houve nenhum caso de aclave complexo nos hipocorísticos guineenses nem nos caboverdianos. No vocabulário geral guineense, porém, eles ocorrem com muita frequência, sendo que houve empate entre complexidade na primeira e na segunda sílabas, ou seja, 2,24% para cada. Como veremos abaixo, o aclave não conta para a prosódia da palavra, ou melhor, para a determinação das moras (peso silábico).

Se observarmos a composição segmental dos dissílabos, nota-se que dos 34 padrões CV.CV guineenses, 8 (23,52%) são do tipo  $C_i V_j - C_i V_j^3$ , como em "Didi" e "Tê-tê". Por outras palavras, pelo menos um quarto desse padrão constitui-se de sílaba reduplicada, em consonância com as constatações de Jakobson mencionadas acima. Sílabas mais complexas também se reduplicam, como "Jonjon" (< João) e "Kinkin" (< Joaquim). Há também casos de reduplicações parciais, tais como "Lalau" (< Ladislau), além daqueles em que apenas o C (Joje < Jorge) ou o V (Duku) se reduplica. No caboverdiano, pelo menos 42 formas (29,16%) são reduplicações, totais (Baba, Bibi, Lulu, etc.) ou parciais (Diki, Lelo). Em relação a formas como "Lalau" e "papai" (do português brasileiro), parece que entram no padrão geral de base reduplicada mais apêndice, ou seja,  $C_i V_j - C_i V_j + x$ , como veremos mais abaixo.

No quadro 3 vêem-se as estatísticas para os trissílabos, outra vez comparativamente ao guineense e pelo menos parte do vocabulário geral guineense.

| Hipocorísticos    |               | Vocabulário guineense geral<br>(amostragem) |          |
|-------------------|---------------|---|----------|
| guineenses        | caboverdianos |   |          |
| CV.CV.CV 8 (45%)  | 40 (54,05%)   | CV.CV.CV 63                                 | (30,58%) |
| CVC.CV.CV 3 (15%) | 11 (14,86%)   | CVC.CV.CV 29                                | (14,07%) |
| CV.CV.CVC 3 (15%) | 1 (1,35%)     | CV.CVC.CV 25                                | (12,13%) |
| CV.CVC.CV 2 (10%) | 7 (9,45%)     | CVC.CV.CVC 10                               | (4,85%)  |
| V.CV.CV 1 (5%)    | 1 (1,35%)     | CVC.CVC.CV 8                                | (3,88%)  |
| CV.CV.V 1 (5%)    | 5 (6,75%)     | CV.CVC.CV 7                                 | (3,39%)  |
| CV.CVC.CVV 1 (5%) |               | CV.CV.V 7                                   | (3,39%)  |
| CV.V.CV           | 2 (2,70%)     | etc.  |          |
| etc.              |               |   |          |

Quadro 3

Tanto nos hipocorísticos quanto no vocabulário geral guineense, se uma palavra tem três sílabas ela deve ser preferencialmente a sílaba ótima, não-marcada, CV, como em "Lotiña" e "Kadogo" do guineense ou "Tataxu" e "Bibina" do caboverdiano. Se houver complexificações, que seja apenas em uma das três sílabas, embora no vocabulário geral guineense o padrão CVC.CVC.CV tenha ultrapassado de um o padrão CV.CV.CVC, fato que pode ser casual e que, portanto, talvez possa ser revertido se contarmos todas as palavras da língua.

Se observarmos apenas as formas monomorfêmicas, ou seja, excluindo formas como "Lotiña" que contêm um morfema derivacional (diminutivo), parece que o trissílabo consta de um dissílabo mais um apêndice, uma sílaba adicional, como na fórmula CVCV+x. Os dados do guineense são muito poucos para essa ilação, embora "Manekas" pareça apoiá-la: Mane.kas. No caboverdiano, no entanto, dos 40 trissílabos de padrão prosódico CV.CV.CV, 13 claramente se enquadrariam na variante do esquema que pode ser representada por CVCV+CV, pelo fato de se poder detectar uma base constituída pela reduplicação de CV, ou seja,  $C_i V_j - C_i V_j$ , seguida de um apêndice. É o caso, entre outros, de "Bibi.na", "Kuku.na", "Tata.xu", "Titi.je". Além desses 12 casos, há pelo menos mais uns 8 menos cristalinos, como "Lelen.ca", "Pimpi.ña", "Tato.na" e outros. Alguns dissílabos também parecem corroborar essa constatação até certo ponto. O hipocorístico guineense "Lalau", por exemplo, poderia ser analisado como "Lala.u", ou seja, trata-se-ia de  $C_i V_j - C_i V_j$ , mais alguma coisa. No caso, x é um V adicional, com o que a estrutura seria algo como CVCV+V. Na seção 5, abaixo, voltaremos a essa questão, exemplificando com o português e o francês. Entre outras coisas, veremos que alguns dados dessas línguas parecem confirmar a tese de que o trissílabo menos marcado teria uma estrutura prosódico-silábica do tipo CVCV+x.

O terceiro padrão prosódico em termos estatísticos é o monossilábico. Os hipocorísticos guineenses são muito poucos para qualquer ilação segura: apenas 9 ao todo. Deles, 6 são CV (como "Jó" < Jorge), 2 CVC (Kin < Joaquim) e 1 CVV (como "Toy" < Antônio). Portanto, o fato de, contrariamente aos princípios da morfologia prosódica, predominarem os que têm apenas uma mora, ou seja, uma sílaba leve - ver (3) acima -, pode ser devido à paucidade de dados. Tanto que, no vocabulário geral, dos 111 exemplos de monossílabo, 72 (64,86%) são sílabas pesadas, ou seja, têm coda e/ou

VV no núcleo silábico. Os leves geralmente são palavras que não têm autonomia acentual (prosódica), como “di” (de) e “ki” (que). Algumas das poucas exceções são “po” (< pau ‘árvore’) e “pe” (pé, perna). No caboverdiano, por seu turno, os monossílabos totalizam 15, ou seja, como no guineense vêm logo após os trissílabos. Desse total, apenas 3 são constituídos de sílaba leve, CV. Os outros são bimoraicos ou por terem uma coda como CVC (Per, Jon) ou por terem núcleo complexo CVV (Gau, Goi).

Os hipocorísticos tetrassilábicos do guineense resultam todos ou da reduplicação de um dissílabo (Noiba-Noibu, Seku-Seku) ou, pelo menos da composição de dois monossílabos (Dona-Kasa, Abel-Jasi). A única exceção é “Iciana” (V.CV.V.CV). No caboverdiano são apenas 6 (0,68%), de um universo de 292 formas. Dentre elas, 3 apresentam o padrão CV.CV.CV.V. O padrão CV.CV.CV.CV só ocorreu uma vez.

Das 51 ocorrências no vocabulário geral, se excetuarmos os derivados e 12 empréstimos recentes ao português, só encontrei dois monomorfêmicos, ou seja, “kotedua” (tipo de ave) e “pikininu” (pequeno). Todos os outros constam da combinação de dois dissílabos, quer por composição (laba-kurpu ‘batizar’) quer por reduplicação (fura-fura ‘debater-se’). Isso sugere que do ponto de vista prosódico, parece que o tetrassílabo tende a resultar da combinação de dois dissílabos (CVCV) e que o tetrassílabo ótimo seria resultante da reduplicação de uma base  $CV_i CV_j$ , ou seja,  $CV_i CV_j CV_i CV_j$ .

Os pentassílabos, tanto hipocorísticos quanto gerais, são ou compostos ou derivados. Quanto aos hexassílabos, só ocorrem no vocabulário geral, e são todos compostos. São apenas 3 de um universo de 100 formas, portanto, situam-se na periferia do léxico. No caboverdiano, são apenas 2 de 292 formas.

### 5. Palavra ótima em outros crioulos

Como vimos na seção 3, em algumas línguas a palavra mínima não é necessariamente dissilábica, mas bimoraica, como exemplificado em (3) para o inglês. Não conheço nenhuma estatística do número de monossílabos ingleses. No entanto, desconfio que a esmagadora maioria deles tenha uma coda, como o exemplo de (3i). Isso se reflete em seus hipocorísticos, como se pode ver no já mencionado Coelho (1880: 2930). Esse autor apresenta ainda dados sobre a hipocorística grega e francesa bem como sobre a do germânico antigo, além da antroponímia bíblica (p. 28-31). Em todas elas parece vigor o princípio de que o hipocorístico menos marcado contém duas sílabas ou duas moras. Por outras palavras, ele deve obedecer ao princípio da palavra ótima.

Uma vista d’olhos rápida no crioulo inglês da Papua-Nova Guiné, chamado tok pisin, sugere que, como no inglês, a palavra ótima seria bimoraica. Como notou Laycock (1970: xii), a despeito do fato de os sons nas duas línguas serem diferentes, “a fonologia do pidgin é relacionada à do inglês de muitos modos”. Isso quer dizer que as estruturas silábicas e, presumivelmente, as prosódicas, se aproximam das equivalentes inglesas. Eu fiz um levantamento em um glossário de cerca de 2.000 entradas disponível na Internet, não incluídos os empréstimos recentes ao inglês e a outras línguas. Levando em conta apenas as palavras não complexas (nem compostas nem derivadas), tem-se um resultado como o que se vê no Quadro 4.

#### Dissílabos não-compostos

CV.CV 48  
CV.CVC 35  
CVC.CV 18  
CVC.CVC 4  
CVV.CV 3

#### Trissílabos

CV.CV.CV 17  
CVC.CV.CV 5  
CV.CVC.CV 3  
CV.CV.V 3

#### Tetrassílabos

CV.CV.CV.CV 2  
CV.CVC.CV.V 1

#### Quadro 4

O total de lexemas computados foi de apenas 157, ou seja, 7,85% das cerca de 2.000 entradas do glossário. Porém, o mais interessante é que a tendência nelas observada corrobora o que foi visto no guineense e no caboverdiano. O padrão dissilábico é o preferido e, dentro dele, prefere-se CV.CV, como “yesa” (concordar) e “susu” (leite). Se há sílabas complexas, que seja de preferência apenas uma delas. Nos trissílabos, deve predominar também CV, como em “mobeta” (melhor) e “menaga” (administrador). Se houver complexidade, que seja apenas em uma das sílabas. Quanto aos tetrassílabos monomorfêmicos, foram apenas os seguintes: “pikinini” (criança), “misinare” (missionário) e “pasindia” (passageiro).

Parece predominar a prosódia moraica, ou seja, como no inglês, a palavra mínima deve ter pelo menos duas moras. Tanto que, outrossim como no inglês, monossílabos leves (com uma única mora) são evitados. O normal são casos como “sop” (sopa), “sol” (sal), “das” (sujeira) e outros. Porém, há um princípio concorrente que tende a levar a dissílabos, como em “bokis” de [boks] (box), “sikis” de [siks] (six) e “belo” de [bel] (bell).

Em outros crioulos, as tendências parecem se manter. Vejamos o caso do tayo (Ehrhart 1993), crioulo de base lexical francesa descoberto recentemente na Nova Caledônia. No Quadro 5 reproduzo apenas os padrões mais frequentes, ignorando os que tiveram ocorrência muito baixa.

#### Dissílabos

CV.CV 75  
CV.CVC 28  
CVC.CV 15  
V.CV 10  
CCV.CV 10

#### Monossílabos

CVC 38  
CV 30  
CCV 21  
V 5  
CCCV 3

#### Trissílabos

CV.CV.CV 14  
V.CV.CV 8  
CV.CV.CCV 6  
CV.CV.CVC 4  
CV.CV.V 3

#### Tetrassílabo.

CV.CV.CV.CV 2  
CV.CV.CV.CVC 1  
V.CV.CV.CV 1

#### Quadro 5

Apesar de apresentar, no geral, estruturas muito parecidas com as do francês, nota-se clara tendência a corroborar o que constatamos no guineense e no caboverdiano. Assim, apesar de terem sido examinadas apenas 342 palavras, a tendência geral constatada se mantém.

Podéramos aumentar os casos *ad libitum*. As tendências sempre parecem se confirmar. Portanto, podemos ficar apenas nesses dois casos de crioulos não portugueses.

## 6. O português e o francês

Eu incluo esta seção sobre o português brasileiro porque constatei alguns fatos interessantes em muitos trissílabos e até mesmo alguns tetrassílabos monomorfêmicos de origem relativamente espontânea. Com isso quero dizer palavras que ou surgiram espontaneamente no seio do povo, como gíria, ou pertencem a registros da língua como “baby talk”, linguagem infantil, hipocorísticos e correlatos. A tendência arrasadora nesses registros, sobretudo nos hipocorísticos e assemelhados (“baby talk”, “pet talk” e outros), é o dissílabo apresentar o padrão  $C_1V_1C_2V_2$ , ou seja, CV reduplicado. Com isso, apresentam um comportamento bastante parecido com os do guineense e do caboverdiano. Portanto, passo diretamente para a análise dos trissílabos.

Muitas palavras que aparentemente nada teriam a ver com a dissilabidade, podem estar intimamente relacionadas com ela, quando examinadas mais de perto. É o caso dos trissílabos alinhados no apêndice IIIa. Todos eles parecem apresentar o padrão CVCV+x. Primeiro, porque conteriam uma base que consta de um CV reduplicado, ou seja, CV.CV. Em seguida, viria um apêndice, geralmente “ca” e “ta”. Exemplos interessantes seriam “baba.ca” e “mama.ta”. Em alguns casos, a base pode constituir-se de estruturas silábicas mais marcadas do que CV, como é o caso de “dindin.ho” e “guagua.te”.

A reduplicação silábica da base pode ser apenas parcial (boio.ta, gaia.to, muvu.ca). Pode até mesmo nem ser reduplicação, como é o caso de “furre.ca”, “lindo.ca”, “Leilo.ca” e outros. No apêndice IIIb temos diversos outros exemplos dessas duas alternativas. Como se vê no “ca” final, esses lexemas parece pertencerem ao mesmo grupo dos do apêndice IIIa, ou seja, uma base CVCV mais um apêndice. A diferença consiste em que aqui o segundo CV da base não é uma clonagem (reduplicação total) do primeiro. O importante é que na maioria dos casos, a última sílaba pode ser interpretada como um “sufixo”. Há casos em que em vez de sufixo pode aparecer um “prefixo”, como em “pi.kaka” (pipoca), “pe.chincha” e [go.sozu]<sup>4</sup>. Nos exemplos do apêndice IIIc temos mais “prefixos”.

Como se pode ver no apêndice IIIc, até em alguns tetrassílabos aparentemente complexos teríamos uma base CVCV. Só que, no caso, essa base viria precedida de um “prefixo” e seguida de um “sufixo”. Exemplos como “go.roro.ba” e “ti.riri.ca” são bastante sugestivos nesse sentido. O caso de [ša.quata.ti], da linguagem infantil, não fugiria da regra. Apenas o “prefixo” não se constituiria com uma consoante oclusiva, mas com uma fricativa, embora também coronal como a de “ta/te”. O mesmo parece acontecer com “se.rele.pe”.

Mais comum do que esse acréscimo de um ambifixo (prefixo e sufixo) à base CVCV é a reduplicação pura e simples dessa última, ou seja, CVCV-CVCV. Alhures eu explorei esse fenômeno mais detalhadamente (Couto 1999a, 1999b). Entre os exemplos temos “reco-reco”, “corre-corre” e “mexe-mexe”. Para as reduplicações CVCV-CVCV no guineense e em outros crioulos, pode-se consultar (Couto 1999a).

Poder-se-ia alegar que o número de palavras do apêndice III é muito pequeno, portanto, não justificaria as ilações que foram feitas acima. Nesse sentido, gostaria de chamar a atenção para algumas tendências visíveis nessas construções. A primeira já foi antecipada acima, ou seja, o apêndice tende a ser “ca” ou “ta”, com variantes “te”, “sa” e outras. Em alguns casos, pode ser apenas uma vogal, como em “titi.o”, “Toto.nho” e

“Lala.u”. A segunda constatação é a de que se as consoantes da base forem centrais, a do apêndice tende a ser periférica (anterior ou posterior), como em “Lili.co”, “Nene.ca”, “mama.ta”, “pepe.ta” e outras. No caso de as duas consoantes da base não serem idênticas, esse princípio dissimilatório tende a se restringir à consoante mais próxima do apêndice que, em geral, está na sílaba tônica. É o que se dá em “Puru.ta” e “muvu.ca”. Casos como “caca.ca” (com a consoante do apêndice idêntica às da base), registrado no “baby talk” brasileiro (Stoel-Gammon 1976), são atípicos.

Em outras línguas parece que o fenômeno aqui discutido se repete. Mesmo em línguas como o inglês, cujo monossílabo típico é CVC, há formas alternantes dissilábicas, pelo menos para algumas formas. Assim, “dad” (papai) pode virar “daddy” e até mesmo “dada” no registro “baby talk”; “dog” pode se converter em “doggy” ou até mesmo “goggy”, entre inúmeros outros casos (Becker-Makkai 1978: 61). No francês os exemplos são até mais abundantes. Paradis (1979) apresenta diversos exemplos do “baby talk” francês europeu, comparativamente ao do quebequense. Em (4) temos alguns deles.

(4) (i) pépè.re ‘vovô’, (ii) mémè.re ‘vovó’, (iii) mimi.ne ‘mão’, (iv) papa.t ‘mão, perna’, (v) nana.ne ‘doces’, (vi) bebe.lle ‘brinquedo’, (vii) tütü.r (< voiture) ‘carro’

Vê-se claramente que todos os exemplos de (4) se enquadram no padrão CVCV+x. E o que é mais, a base consiste de uma clonagem de CV, ou seja, ela é do tipo  $C_1V_1C_1V_1$ . O x pode, também como no português, ser apenas um C ou, talvez, um C seguido de schwa, de acordo com a fonologia do francês.

O autor acrescenta que “a estrutura das palavras do ‘baby talk’ francês e quebequense segue o que parece ser uma tendência geral nas línguas [...], ou seja, com a forma canônica CVCV. O único outro padrão produtivo é CVCV:C. Essa segunda classe aumenta consideravelmente se incluímos os itens gerados pela regra morfológica<sup>5</sup> altamente produtiva  $C_1V_1C_1 > C_1V_1C_1V_1C_2$ ”. Os exemplos que ele aduz são: “la balle > la baballe, la pomme > la popome, la soupe > la sousoupe” (Paradis 1979: 356). Na página seguinte, ele acrescenta uma lista, que fica em aberto, de 17 exemplos adicionais (sua lista (4)). Porém, para os objetivos aqui visados, inclusive os exemplos que ele alinha sob o número (3) apresentam a estrutura CVCV+x, como “zizi.k” (< musique) ‘música’. Há até mesmo equivalentes do que chamei acima de prefixo, como é o caso de “ro.toto” (< rot) ‘arrote’ (ibidem), ou seja, o padrão x+CVCV.

Na fonologização de itens lexicais pelos crioulos franceses também se pode observar fenômenos interessantes. Examinemos os exemplos do crioulo reunionês de (5) (Chaudenson 1974: 643-657).

(5) (i) zef < oeuf ‘ovo’, (ii) kilé < reculer ‘recuar’, (iii) deló < eau ‘água’, (iv) deri ‘riz’

Eles confirmam amplamente as conclusões feitas acima sobre o francês. Também este crioulo parece estar a meio caminho entre as duas tendências de minimalidade vocabular. Exemplos como os de (5ii-iv) mostram que há uma tendência à palavra ótima CVCV. Para tanto, acrescentam-se (5ii) ou se suprimem (5iii-iv) sons. É interessante notar ainda que “deri” (< du riz) pode ocorrer sob a forma “ri”. No entanto, “deló” (<

de l'eau) não pode ocorrer sob a forma "o". Isso significa que a dissilabidade pode ser desrespeitada, mas não a estrutura silábica mínima. Quanto a "zef", não é dissilábico, mas é bimoraico, já que não foi possível a dissilabidade.

Como se pode ver ainda no ensaio de Paradis, a grande maioria dos lexemas do "baby talk" e da linguagem infantil em francês são do padrão  $C_1V_1-C_1V_1$ . Trata-se, portanto, de mais uma confirmação da tendência geral nas línguas do mundo. Aliás, o francês parece ficar a meio caminho entre as línguas de padrão silábico e as de padrão moraico. Nas abreviações de palavras longas, o padrão CVCV emerge com muita frequência. Assim em "vélo" (< vélompède), "pédé" (< péderaste) e "métro" (métropolitain) ele prevalece. No entanto, em "fac" (< faculté) e outros vige o padrão moraico, ou seja, trata-se de monossílabos bimoraicos.

## 7. Conclusão

Resumidamente, temos que a palavra ótima é a que resulta do processo de reduplicação da sílaba ótima CV, ou seja,  $C_1V_1-C_1V_1$ . Se isso não fôr possível, que seja pelo menos CVCV com Cs e Vs diferentes. Um exemplo internacional dessa tendência é a palavra "coca-cola". Os outros padrões teriam sua forma não-marcada derivada dessa forma fundamental, de um modo ou de outro. Assim, o trissílabo menos marcado seria o que resulta do acréscimo de um apêndice à palavra ótima CVCV, que daria algo como CVCV+CV. Vimos que, às vezes, o apêndice pode vir antes de CVCV, ou seja, algo como CV+CVCV. É claro que há outras possibilidades. Por exemplo, o trissílabo pode resultar da erosão em um dos componentes de formas dissilábicas reduplicadas. As formas latinas "mo-mordi" (eu mordi) e "fe-felli" (eu caí) teriam resultado de "\*mordi-mordi" e "\*felli-felli", respectivamente.

No que concerne aos tetrassílabos, a sua instância menos marcada seria a que resulta da reduplicação da palavra ótima CVCV, ou seja, CVCV-CVCV. Mas, pode acontecer de se dar também mediante uma ambifixação, algo como CV+CVCV+CV. Estruturas mais complexas, como as pentassilábicas, hexassilábicas e outras dificilmente seriam monomorfêmicas, portanto, não vêm ao caso no presente contexto.

Restam os monossílabos. Ao que parece, eles resultariam de um processo de truncamento da palavra ótima. Um potencial exemplo seria "mar", proveniente de "mare". O fato de a maioria deles ter duas moras, como é o caso de "mar", aponta para a possibilidade de a bimoraicidade ser uma espécie de último suspiro da otimidade vocabular: já que não é possível ter sempre o mínimo de dois momentos silábicos (duas sílabas), que os dois momentos sejam mantidos pelo menos no nível moraico.

Poder-se-ia alegar que os aparentes achados supra não passariam de casualidades na imensidão que é o vocabulário geral de qualquer língua natural. Com isso, tudo que tentei mostrar não passaria de mera especulação com algumas palavras adrede escolhidas. Eu acho que não é bem assim. O fato de haver um princípio regendo a distribuição de consoantes na base (CVCV) e no apêndice (+CV), juntamente com o fato de o padrão recorrer sempre em palavras de origem espontânea (o que revelaria a emergência de princípios subjacentes inconscientes), mostra que parece haver sentido

nas teses que defendo aqui. A mais importante é a de que a origem prosódica de qualquer lexema é CVCV, ou seja, a palavra mínima ou ótima.

Há inúmeras possibilidades para se formar a palavra prosódico-fonológica (cf. Couto 1983: 96-103). Se descobrirmos algumas preferências (tendências) entre as quase infinitas possibilidades melódico-prosódicas de se formarem lexemas, isso pode nos ajudar na explicação da gênese das línguas crioulas e pidgins, bem como das línguas em geral, inclusive a aquisição da língua pela criança. As palavras do período de formação do crioulo guineense alinhadas no apêndice IV corroboram as tendências detectadas na sincronia das línguas acima investigadas. No caso da aquisição de L1 pela criança, a pesquisa ainda está por ser feita. No entanto, exemplos como os vistos acima também dão sustentação à tese aqui defendida de que a palavra começaria otimamente como CVCV. Letícia, por exemplo, disse, para "sapato", primeiro [pa.tu] e, cerca de um mês mais tarde [pa.tatu]. No primeiro caso, o apêndice está sufixado, de acordo com a fórmula CVCV+x; no segundo, ele está prefixado, em conformidade com a fórmula x+CVCV. Em ambos os casos, a criança sentiu que a palavra do adulto era CVCV mais alguma coisa.

Enfim, a prosódia dos vocábulos parece ser uma linha de pesquisa bastante interessante, sobretudo para os estudiosos da formação de gramáticas. Isso pode se dar tanto no indivíduo, como a criança adquirindo sua L1, quanto em comunidades resultantes do contato de povos de línguas mutuamente ininteligíveis que têm que forjar um meio de comunicação interlingüística.

## Notas

1. Par uma aplicação deste modelo teórico à análise da epêntese e da elisão nos crioulos ibéricos, ver o artigo de John Lipski neste volume.
2. O ponto (.) indica separação de sílaba.
3. O hífen (-) indica reduplicação silábica.
4. É importante salientar aqui que a criança não analisa esse vocábulo como o adulto em "gosto" mais "-oso". Para ela, ele é indecomponível morfológicamente.
5. Na verdade, a regra é fonológica, não morfológica como afirma o autor.

## Referências

- Ampa, Jorge. 1991. Nomi dí kasa. *Papia* 1,2.119-121.
- Brito, A. de Paula. 1887. Dialectos crioulos-portugueses. In: Morais-Barbosa (org.) 1967: 329-404.
- Barhorst, T. D. & S. O'Dell-Barhorst. s/d. *Pidgin/English dictionary* (disponível na Internet).
- Becker-Makkai, Valerie. 1978. Maternal diglossia: the adult use of "baby talk" as an instructional device. In: *The fourth LACUS forum*. Columbia, SC.: Hornbeam Press: 61-65.
- Chaudenson, Robert. 1974. *Le lexique du parler créole de la Réunion*. Paris: Librairie Honoré Champion 2 vols.

- Coelho, Francisco Adolfo. 1880. Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In: Morais-Barbosa (org.) 1967: 1-108.
- Costa, J. V. Botelho da & C. J. Duarte. 1886. O crioulo de Cabo Verde. In: Morais-Barbosa (org.) 1967: 235-327.
- Couto, Hildo Honório do. 1983. *Uma introdução à semiótica*. Rio de Janeiro: Presença Edições.
- \_\_\_\_\_. 1986/7. Os apelidos do Claudío. *Humanidades* 11. 65-70.
- \_\_\_\_\_. 1999a. A reduplicação nos crioulos portugueses. Comunicação ao Workshop sobre crioulos portugueses, Lisboa, 16 de abril/99 (sairá nas Actas).
- \_\_\_\_\_. 1999b. A reduplicação em português. *Lusorama* 40.
- Ehrhart, Sabine. 1993. *Le créole français de St-Louis (le tayo) en Nouvelle-Calédonie*. Hamburgo: Helmut Buske Verlag.
- Ilari, Rodolfo. 1984. Hipocorísticos e geratividade. *Anais de seminários do GEL VIII*: 207-216.
- Jakobson, Roman. 1967. *Fonema e fonologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica: 75-85.
- Kenstowicz, Michael. 1994. *Phonology in generative grammar*. Oxford: Blackwell.
- Laycock, Don. 1970. *Materials in New Guinea Pidgin (Coastal and Lowlands)*. Canberra: Australian National University.
- McCarthy, John & Alan Prince. 1993. *Prosodic morphology I*. New Brunswick, NJ: Rutgers University.
- \_\_\_\_\_. 1995. Prosodic morphology. In: Goldsmith, John A. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell: 318-366.
- Morais-Barbosa, Jorge (org.) 1967. *Estudos lingüísticos crioulos*. Lisboa: Sociedade de Geografia: 1-108.
- Paradis, Michel. 1979. Baby talk in French and Quebecois. *The fifth LACUS forum*. Columbia, S.C.: Hornbeam Press: 355-366.
- Stoel-Gammon, Caroline. 1976. Baby talk in Brazilian Portuguese. *Revista brasileira de lingüística* 3,1.22-26.

## APÊNDICES

### I. HIPOCORÍSTICOS GUINEENSES

#### a. Nomi di kasa

**Abel Jasi** = Amílcar Cabral, **Abokubin** = “tu que vieste [sem ser desejado]”, **Ali Babá** = missivista anônimo a Nô Pintcha 29/9/90, **Acuci** = Adriano Gomes Ferreira (poeta): Atchutchi, **Bai Fas** = “vai depressa”, **Beja** = Velha, **Beju** = Velho, **Binparbai** = “veio para voltar”, **Cadogo** = Carlos Domingos Gomes (candidato à presidência, pelo PCD - Partido da Convergência Democrática, em 1994), **Caló** = Carlos Cardoso, **Ciku** = Francisco, **Ciku Te** = Francisco Mendes, **Con-Com**, **Didi** = Pedro, **Du** = Pedro, **Duku**, **Dudu** = Pedro, **Feya** = ?, **Fiku** = Francisco, **Filas** = ?, **Filó** = Filomena Miranda, **Gera** = que nasceu durante a guerra, **Gundas** = ?, **Huco** = João José Silva Monteiro (poeta), **Iciana**

= Maria Marques Ribeiro, **Jeje** = Jorge, **Jejé** = Jorge, **Jó** = ?, **Joje** = Jorge, **Jon** = equivalente de “João”, **Jonjon** = João, **Justen** = Justino Nunes Monteiro, **Kabún** = Domingos Samba (fita 16, p. 3 e 28) (ator), **Kadi** = Antónia Kadijatu Alves, **Katalá** = ? desenhista, **Kin** = Joaquim, **Kinkin** = Joaquim, **Kinziñu** = Joaquim, **Kote** = Norberto Tavares de Carvalho, **Lalau** = Ladislau, **Liisiñu** = Luís, **Lito** = Carlos Lopes (<Carlito?), **Lotiña** = Marília Amarilis Carlota Ucha Lima (<Carlota?), **Mandu** = Armando, **Manekas** = ?, **Manó** = Daniela Pereira (fita 13, p. 25) (criança), **Matenpu** = nascido em dia de temporal, **Media** = que nasceu ao meio-dia, **Meno** = Filomeno, **Mika** (s) = ?, **Milô** = Emília Gomes Fernandes (estudante em Brasília - 1998), **Mingas** = Domingas Barbosa Mendes Samy (escritora), **Mortu** = “a morte”, **Muridu** = “morto”, **Nanda** = Fernanda, **Nandiña** = Fernanda, **Nandu** = Fernando, **Ncudi** = “eu achei: encamação”, **Ndingi** = ?, **Né** = Inês, **Nekas** = ?, **Neku** = ?, **Negadu** = ?, **Neya** = Inês, **Nino** = João Bernardes Vieira, **Nobu** = Novo, **Nonó** = ?, **Nelen** = “arroz miudinho” (criança raquítica), **Nñañi** = “sofro privações, maltratam-me”, **Ntonabin** = voltei, **Osprí** = “hóspede”, **Ova** = Osvaldo, **Parbai** = variante de “Binparbai”, **Pipi** = Pedro, **Sabadu** = nascido no sábado, **Segunda** = nascido na segunda-feira, **Sinta** = “fique, e não morra como seus irmãos”, **Kinta** = nascido na quinta-feira, **Tino** = Florentino João Lopes Nhaca (estudante no Brasil), **Tetê** = Teresa Montenegro, **To** = Amelio Celso (estudante guineense no Porto: Internet), **Tó** = António, **Tonabin** = variante de “Ntonabin”, **Toy** = António, **Tony** = António, **Tony Davyes** = António Maria Davyes, **Tony Ceka** = António Soares Lopes Jr., **Tuya** = “de origem caboverdiana”, **Zé** = José, **Zeze** = José, **Zeziñu** = José.

#### b. Nomi di torosa

**Bajungu-Feru**, **Dona-Kasa**, **Estin**, **Jutu** = “nome de planta que tem o poder de afugentar os males”, **Kondon** = “sozinho no mundo”, **Kujidu** = “o encontrado”, **Kumpridu** = “alto/comprido”, **Manomi** = vítima de uma difamação, **Munga-Fulanu** (Manga-Fulanu?), **Negadu** = criança rejeitada (o mesmo que “Kondon”), **Noiba-Noibu**, **Ndingi** = “estou sozinho” (os pais não querem outro filho), **Nkurbadu** = pilantra, **Npanta** = “criança nascida tardiamente; a mãe fica espantada”, **Po-Feru** = “Pau -Ferro”, **Rapa-Garandi** = “rapaz grande”, **Seku-Seku** = “Magricela”.

### II. HIPOCORÍSTICOS CABOVERDIANOS

(CD = Costa & Duarte 1886, CO = Coelho 1880, BR = Brito 1887)

Aia (CD), Albarin (BR), Anori (BR), Baba (CD), Baca (CD), Bain (BR), Bajêpa (CD), Baka (CO), Balanta (CO), Banda (CO, CD, BR), Baruja (BR), Baruju (CO), Bastiana (BR), Bastion (CD, BR), Beba (CO), Bebê (CO, CD, BR), Bêla (CD), Beliña (BR), Belôka (CD), Belôta (CD), Bertis (CD)/ Birtis (BR), Bêta (CD), Betu (CO, BR), Bia (CD), Biata (CD), Bibi(CD), Bibina (CO), Bilis (BR), Bina (CO, CD), Biolanti (BR), Bisenti (BR), Bitoriana (BR), Bixenxa (BR), Boca (CO), Bonba (CO), Bonbena (CD, BR), Bonbina (CD), Boxu (BR), Calinu (CO, BR), Camara (CD), Camaru (CD), Cana (CD), Cancane (CD), Cecé (CD), Cela (CO, CD), Celu (CD), Cencu (CD), Cêpa (CD), Cia (BR), Cica(CO, CD, BR), Cici (CO, CD), Cicia (BR), Cicita (CD), Cico (CD), CiKa (CO, CD), Ciku (CO, CD, BR), Cila (CD, Br), Cilia (CD), Cimi (CO), Cina (CO, BR),

Ciña (CD, BR), Cocó (CD), Coga (CO), Conca (CO, BR), Concon (BR), Coti (CD), Cubanta (CO), Cunpa (CO), Dada (CO), Dadó (CD), Damás (CO), Delba (CO), Didi (CO), Digu (CD), Diki (CD, BR), Diku (CO), Dindinu (CO), Diki (CO), Dodó (CD), Doia (CD), Doka (CO), Doku (CO), Dola (BR), Doli (CO, BR), Dória (CO, BR), Dunda (CO, BR), Faia (CO), Fan (CO), Fina (CO, CD), Fifina (CD), Fita (CO, BR), Fonfon (CO), Frank, Froña (CO, BR), Gagida (CD), Gau (BR), Gida (CO, CD, BR), Goi (BR), Goia (BR), Goja (CD), Ia (CO), k Janaria (BR), Janó (CD), Japa (CD), Jeje (CO), Jeji (BR), Jeme (CD), Jemeta (CD); Jena (CO), Jeje (CO, CD), Jelía (CD), Jena (BR), Jeromu (BR), Jiji (CD), Jiju (CD), Jilba (BR), Jiliana (BR), Jina (CD), Jinaria (BR), Jinjon (CD), Jó (CD), Joakin (BR), Joana (BR), Joia (CD), Joja (CD), Jòje (CD), Jojó (BR), Joka (CD, BR) / "Joka" (BR), Jon (CD, BR), Joni (CD, BR), Jonjon (CD), Jozê / "José" (BR), Juja (CD), Junsá (CD), Juzefa (BR), Kaela (CO), Kaita (BR), Kaixa (CO), Kakin (CD), Keta (CO, BR), Kexa (BR), Kin (CD, BR), Kina (CD, BR), Kinkin (CD, BR), Kiña (CD, BR), Kobra (CO), Koima (CO, BR), Koku (CO, BR), Kolasa (CO), Kote (CO), Kukuna (CD), Kula (BR), Kulau (BR), Kuna (CO), Kuné (CD), Kunkun (BR), Lalô (CD), Lana (CD), Lanu (CD), Larin (CD), Léla (CO, BR), Lelenca (CO), Lelencu (CO), Lêlo (CD), Lena (CO, BR), Linda (CD, BR), Lixandru (BR), Lixi (CD, BR), Liza (CD), Lodrigi (BR), Loló (CD), Lôr (CD), Lorma (CO, BR), Lota (CO, BR), Lôtra (BR), Lulu (CD, BR), Luís (BR), Maja (CO, BR), Major (BR), Mala (CD), Maliña (CD), Mana (CO), Mané (BR), Manu (CO), Mañanu (CD), Maral (CO, BR), Margida (CD, BR), Markiña (BR), Maxa (BR), Merenda (CD), Mina (CD, BR), Monjidu (CO), Motas (CO), Munai (BR), Munda (CO), Nana (CD), Nanada (CD), Nanó (CD), Neku (BR), Nika (CD), Ninga (CD), Né (CD), Nei (CD), Nelsa (CD), Nena (BR), Nes (BR), Noka (BR), Nori (BR), Naba (CO, BR), Niku (CO), Nangonsu (BR) (<Gonçalves), Nangu (CD), Oiru (CO), Panai (BR), Pancita (CD), Peliku (CO), Pema (BR), Peña (CO, BR), Pêpa (CD, BR), Pepiña (BR), Per (CD), Pilikardu (BR), Pin (CD), Pinpiña (CD), Piña (CD), Pirnaria (BR), Pitra (?), Ponba (CO, BR), Potá (CO), Puldina (CD), Punika (CD), Ramal (BR), Roís (BR), Ronda (BR), Rosa (BR), Rozália (BR), Silbésti (BR), Silibânia (BR), Simon (BR), Sisa (CD), Tadó (BR), Taju (CD), Tana (BR), Taniñu (CD), Taña (CD), Tareca (CD), Tatanu (BR), Tataxa (BR), Tataxu (BR), Tatona (CD), Tatone (CD), Tatuda (CD), Taxu (CD), Têja (CD), Teká (CD, BR), Tentina (BR), Teté (CD), Têxa (BR), Tila (CD), Tilan (CD), Tiñu (BR), Tita (CD, BR), Titije (CD), Toi (CD), Toia (BR), Toku (CD), Tola (CD), Tomaxa (BR), Toná (BR), Totoi (CD), Totoni (CD, BR), Totoña (CD), Tuda (CD, BR), Tutu (CD), Vina (CD), Viniña (CD), Xandi (BR), Xaxu (BR), Xê (CD), Xenxa (CD), Xepa (BR), Xepiña (BR), Xêxe (CD), Xéta (BR), Xete (CD), Xetu (CD), Xexé (BR), Xia (BR), Xija (CD), Xiju (BR), Xika (BR), Xiña (BR), Xixi (BR), Xixia (CD), Xumaka (BR), Zabel (BR)

### III. TRISSÍLABOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

(BT = baby talk; LI = linguagem infantil; NP = nome próprio; PP = palavra popular)

#### a. Reduplicação total na base

baba.ca (PP), Bibi.a (NP), bobo.ca (PP), caca.ca (LI), chocho.ta (PP), Cici.a (NP),

coco.tinha (PP), dede.ra (BT), dindin.nho (BT), fofo.ca (PP), guagua.te (LI), gugu.te (LI), juju.ba (PP), Lele.co (NP), Lili.co (NP), mama.ta (PP), mama.te (BT), mimi.ca (PP), mimi.nu (LI), mimi.ta (LI), mumu.nha (PP), Nene.ca (NP), papa.ia (PP), papa.to (BT, LI), Pepe.do (NP), pepe.ta (BT, LI), pipi.o (LI), Quiqui.ta (NP), Tati.a (LI), Tati.co (NP), teté.ia (PP), titi.ca (PP), titi.o (BT), Toto.nho (NP), Zizi.co (NP)

#### b. Reduplicação parcial na base

bara.ta, boio.ta, cutu.ca(r), furre.ca, gaia.to, kofo.ya 'escova' (LI), Leilo.ca, lindo.ca, loro.ta, mele.ca, merre.ca, mili.co, moco.tó, muvu.ca, muxi.ba, pana.ca, pete.ca, pipo.ca, Puru.ta, 'Riro.ca, sete.ya 'estrela' (LI), suru.ba, Tiño.co, Toni.co, tutu.que (<tupi)

#### c. Outros

caca.reco, go.roro.ba, gosso.zu 'gostoso' (LI), mama.dera, ma.xixe, pe.rere.ca, pe.chincha, pi.kaka (LI), piki.titi.co, po.roro.ca, [ša.kwata.tši] 'chocolate' (LI), se.rele.pe, Ti.credo, Ti.tranca, Ti.riri.ca

### IV. LISTA DE PALAVRAS DO CRIULO GUINEENSE DE 1500 A 1728

1. anima 'ídolo'; 2. atagara/tagara 'gamela'; 3. bafeté 'Bafatá'; 4. bagri 'bagre'; 5. bajuda 'moça, rapariga'; 6. balafon 'instr. de percussão com pauzinhos'; 7. baloba 'casa dos ídolos'; 8. banana 'banana'; 9. bande 'Bandim, bairro de Bissau'; 10. batanga 'doce de arroz'; 11. batata 'batata doce'; 12. becerin 'marabu'; 13. biafada/biafari 'beafada'; 14. biñu di palma 'vinho de palmeira'; 15. bisaw 'Bissau'; 16. bonbolon/bombalon 'tambor africano'; 17. bufaru 'búfalo'; 18. bulama/buam 'Bolama'; 19. cabew/ceben 'chabéu, óleo de dendê'; 20. cay 'adultério'; 21. cina 'ídolo'; 22. coka 'perdiz'; 23. colona/calona 'intérprete, turgimão'; 24. coru 'carpimento, cerimônias fúnebres'; 25. daba 'enxada mandinga'; 26. fanadu 'circuncisão'; 27. farin 'Farim, imperador'; 28. gine 'Guiné'; 29. goyaba 'goiaba'; 30a. grumeti 'auxiliar africano dos portugueses, gurumeti'; 30b. gurumeti 'grumete'; 31. jagra 'classe superior pepel'; 32. jambakus 'curandeiro, adivinho'; 33. janta 'almoço'; 34. judew/jidiw 'menestrel, griot'; 35. kabasera 'cabaceira'; 36. kabu 'lugar'; 37. kaciw/katišew 'Cachéu'; 38. kalambe/kalame 'pano de virgem'; 39. kola 'cola, noz de cola'; 40. kuskus 'cuscus'; 41. lala 'várzea, pastagem'; 42. lagartu 'crocodilo'; 43. makariw 'macaréu, pororoca'; 44. mampatas 'mampatás'; 45. mandinga 'mandinga'; 46. manduku 'porrete'; 47. mankara/makara 'amendoim'; 48. marlota 'veste moura'; 49. nomina 'amuleto pendurado no pescoço'; 50. ñami 'inhame'; 51. polon 'poilão, árvore frondosa'; 52. prasa 'praça, vila, cidade'; 53. siga 'antílope'; 54. somana 'semana'; 55. tangoma 'concubina africana dos europeus'; 56. tapada 'palçada'; 57. tara 'tipo de palmeira'; 58. trusiman 'turgimão'.